

## Vida Toda Linguagem

Vida toda linguagem,  
frase perfeita sempre, talvez verso,  
geralmente sem qualquer adjetivo,  
coluna sem ornamento, geralmente partida.

Vida toda linguagem,  
há entretanto um verbo, um verbo sempre, e um nome  
aqui, ali, assegurando a perfeição  
eterna do período, talvez verso,  
talvez interjetivo, verso, verso.

Vida toda linguagem,  
feto sugando em língua compassiva  
o sangue que criança espalhará — oh metáfora ativa!  
leite ferrado em fonte adolescente,  
sêmen de homens maduros, verbo, verbo.

Vida toda linguagem,  
bem o conhecem velhos que repetem,  
contra negras janelas, cintilantes imagens  
que lhes estrelam turvas trajetórias.

Vida toda linguagem —  
como todos sabemos

conjugar esses verbos, nomear  
esses nomes:

amar, fazer, destruir,  
homem, mulher e besta, diabo e anjo  
e deus talvez, e nada.

Vida toda linguagem,  
vida sempre perfeita,  
imperfeitos somente os vocábulos mortos  
com que um homem jovem, nos terraços do inverno, contra a chuva,  
tenta fazê-la eterna — como se lhe faltasse  
contra, imortal sintaxe  
à vida que é perfeita

língua

eterna.



O TEMPO DA  
**CRIAÇÃO**  
EM O HOMEM E SUA HORA<sup>1</sup>

**Benilton Cruz**  
Professor da UFPA, do Curso  
de Letras, CUBT - Abaetetuba



<sup>1</sup> Este artigo faz parte da pesquisa "Uma Poética da Voz: Aspectos do *romancero* medieval em García Lorca e Mário Faustino" subvencionada pelo PROINT da UFPA, e conta com os bolsistas João Rosemildo e Ivonice Gonçalves, ambos estudantes de Abaetetuba.



*Preocupa-te apenas com estas poucas coisas e dispense o resto. Não te esqueças de que cada um só vive o momento presente, um momento infinitamente pequeno. Fora isso, já foi vivido ou é duvidoso. Assim, de pouca coisa vive o homem. Apenas desse canto de terra onde mora. Pouca coisa, a glória póstuma, mesmo que duradoura, já que depende de criaturas miseráveis, que breve morrerão, e nem a si mesmas conhecem bem, quanto mais ao que há muito já se foi.*

MARCO AURÉLIO, *Meditações*.

**O** tempo, o questionamento mais vital da metafísica, será analisado em alguns poemas de Mário Faustino em seu livro *O Homem e sua Hora*<sup>2</sup>, na difícil pretensão de dizer mais sobre o tempo do poema e menos sobre o tempo em si. Embora seja necessário ver as posições clássicas acerca do tempo como o absoluto-newtoniano, ou o relativo-einsteiniano, ou o histórico ou o metafísico em sua menor hipótese, o nosso objetivo é mostrar que o tempo, enquanto matéria da poesia nem sempre é uma medida, um movimento, um princípio, uma ordem ou uma duração. A pergunta é: seria o tempo do poema o tempo da criação? Um tempo próprio? Constatação do momento criativo, captação suprema do instante criador? O instante em si, talvez a única realidade temporal?

Outra pergunta que ficaria à parte, mesmo porque não será respondida aqui é: o tempo conjuga com a realidade verbal da linguagem humana? Vamos ver que a poesia nos dá algumas brechas para estacionarmos no momento, o instante da criação, esse tempo do poema para fixarmos o mais difícil ainda, o relâmpago da temporalidade. Sim, ainda bem que o tempo não é a maior questão, pois a morte, a que marcamos com um nome e uma data, assusta um pouco mais. Menos assustador, e, entretanto, mais enigmático é ver em um poema como “Sinto que o mês presente me assassina” a junção desses dois enigmas, o tempo e a morte, ainda sem uma análise mais detalhada desse encontro.

Voltando para a questão do tempo, uma das novidades, refere-se à teoria do matemático lituano Hermann Minkowski, a que funde tempo e espaço em uma realidade quadridimensional, o espaço-tempo, ou seja, uma dimensão para o tempo e três para o espaço<sup>3</sup>. É como se o movimento, a unidade referencial tempo-espaço, fosse um trem em que cada comboio tivesse um vagão para o tempo, e o espaço três. Ora, se o tempo-espaço pode ser quadridimensional, será que ele não pode ser penta-, hexa-, hepta-, octa-, enea- decadimensional? Não vamos dilatar esse trem em questões mais polêmicas, uma vez que ainda existem os intervalos entre os vagões. “E o tempo na verdade tem domínio”. Será que só na poesia?

<sup>2</sup> Os poemas citados neste artigo foram tirados de *O Homem e sua Hora e outros poemas*. Pesquisa e organização: Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>3</sup> Ver o interessante livro GLEISER, Marcelo. *A Dança do Universo. Dos Mitos de Criação ao Big Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 276.

Na obra poética de Mário Faustino, o tempo é uma das recorrências mais evidentes, e no seu livro não são poucas. Do primeiro ao último poema, claro que não necessariamente em todos, há passagens sobre marcações temporais:

Quem fez esta manhã, quem penetrou  
À noite os labirintos do tesouro,  
Quem fez esta manhã destinou  
Seus temas a paráfrases do touro,  
As traduções do cisne: fê-la para  
Abandonar-se a mitos essenciais,  
Desflorada por ímpetos de rara  
Metamorfose alada, onde jamais  
Se exaure o deus que muda, que transvive.  
Quem fez esta manhã fê-la por ser  
Um raio a fecundá-la, não por lívida  
Ausência sem pecado, e fê-la Ter  
Em si princípio e fim: ter entre aurora  
E meio-dia um homem e sua hora.  
(*Prefácio*, p. 71)

“Manhã”, “noite”, “aurora”, “meio-dia”, “hora”, são palavras que, no poema faustiano, assim como em nosso cotidiano, nos remetem à idéia da noção temporal advinda da observação de acontecimentos sucessivos. Essa forma temporal é a que predomina, como a mais elementar, a mais visível, a partir do convívio do homem com a natureza, por isso a noção, no início referida, como a mais vital das questões, pois o que está em jogo são os afazeres, o trabalho, a lida e a luta do homem no seu dia a dia, e isso repete-se no poema. Entretanto, essa noção do tempo é ampliada, nos poemas de Mário Faustino, para o Tempo da Criação, uma forma de domínio do tempo para que se manifeste o estado permanente da poesia.

Sabemos que, essencialmente, é o movimento dos astros que dá a medida do tempo. Isso aprendemos principalmente a partir Isaac Newton, quando, por exemplo, ouvíamos do professor de geografia “a rotação da Terra determina o dia, e a rotação da Terra ao redor do Sol determina o ano”. Sim, essa determinação, esse absoluto, não deixava muita questão em uma época em que se andava de carruagem e de navio à vela. Com Albert Einstein, na Era Atômica, e do foguete, o espaço é curvo e o tempo é relativo. Sim. Mas ambos, tanto Newton, como Einstein, referem-se ao movimento. As duas teorias são, em sua essência, absolutas.

Agora abordando algo mais complexo, a eternidade, esta foi tomada como o primeiro arquétipo do tempo. Isto assinalaria uma dimensão temporal do tamanho do universo. Como se tempo e universo fossem de um mesmo tamanho: o do infinito. Platão, não menos ficto que Plotino, impôs mobilidade à imagem da eternidade, e a esse movimento chamou de tempo. Essas duas hipóteses



formam nossa idéia mais comum sobre o tempo e ajudaram a converter o tempo em uma convenção de princípio e fim, talvez a mais impressionante de todas as convenções, a que foi muito bem aproveitada pelo Cristianismo.

Faustino corrobora com essa noção, só que mais plástica e não menos diferente:

“No princípio  
Houve treva bastante para o espírito  
Mover-se livremente à flor do sol”  
(*Legenda*, p. 79)

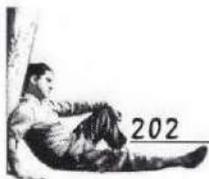
Assinalar um princípio, como um tempo determinado, uma ordenação, revelaria e justificaria o ato criador. Essa conjunção é permitida na religião. Talvez esteja aí uma das forças da religião? Ela explicaria melhor e mais convincente que a ciência ou a filosofia? Tomando dois pensadores para uma breve comparação, constata-se que nem sempre foi assim: em Heráclito a força poderosa do rio não cessa uma pausa para o princípio ou para o fim; para Santo Agostinho, ao usar o termo “eternidade”, há uma pausa, “nada é sucessivo, tudo é presente”. Parece que a dialética de Heráclito, tão bonita e tão poética, sai perdendo para a força expressiva da palavra “eternidade” de Agostinho. Como aproveitar a eternidade? Parece que o Verbo tem esse papel.

Quem fecunda, essencialmente para Santo Agostinho, é a Palavra, e o poeta confirma:

Há entretanto um verbo, um verbo sempre, e um nome  
Aqui, ali, assegurando a perfeição  
Eterna do período, talvez verso,  
Talvez interjetivo, verso, verso.  
Vida toda linguagem,  
Feto sugando em língua compassiva  
O sangue que criança espalhará – oh metáfora atival  
Leite jorrado em fonte adolescente,  
Sêmen de homens maduros, verbo, verbo  
(*Vida toda linguagem*, p.82)

A Palavra foi dita para criar o mundo, o tempo, as imagens... e a Palavra (com P maiúsculo) deve ser “plantada”, “germinada” – a Palavra, então, seria a semente de Deus. Aí se explica até o celibatarismo de padres e freiras. Mas, comenta o bispo de Hipona, quase reconhecendo que palavra e tempo teriam realidades diferentes, basta conferir XI capítulo do livro XI das suas *Confissões*. Desta maneira, como aproximar o tempo da Palavra ou da palavra?

Fazer referência a Santo Agostinho quando o assunto é tempo, aqui, pode ser até banal, mas foram os cristãos, os primeiros a imporem linearidade no tempo. “Para o cristão, o primeiro segun-



do do tempo coincide com o primeiro segundo da Criação”, é o comentário de Borges na *História da Eternidade*, principalmente ao se referir a Swedenborg, mais do que a Santo Agostinho. Interessa à lógica do princípio, a lógica da ordem o que justificaria a lógica da criação. Agora, um drama se manifesta na poesia de Mário Faustino: Como congelar, como suspender, uma imagem fugidia na linearidade do tempo? Parar o tempo, como? O Verbo que planta e germina pode assegurar o momento?

Não vou me alongar mais: treze séculos depois das Confissões, um judeu errante e perseguido pelos próprios judeus, que sabia a Bíblia de cor, pensaria que o tempo seria a maneira da imaginação tentar medir a duração. Neste caso, o tempo restringir-se-ia à imaginação que atua no tempo presente, daí ser sempre presente, por outro lado, a eternidade seria o “não-tempo”, onde a existência e a essência se encontrariam. Portanto, para Spinoza, a eternidade seria imóvel. Para que serve essa imobilidade? Onde a encontramos?

Fixar o relâmpago. A eternidade spinosiana, a imóvel, assim, aplacaria a terrível sucessividade do tempo. Não esse desenrolar histórico, tão afeito aos românticos, não justifica o poema, mas sua capacidade de reter a mobilidade do sucessivo, isso sim interessa ao poeta.

Em si princípio e fim: tet entre aurora  
E meio-dia um homem e sua hora.

Sendo a criação, o poema, a obra ou mesmo a morte (em parte uma libertação), interessa ao poeta, em seu apogeu (o meio-dia) revelar ao homem a sua hora (a derradeira duração, a que lhe assegura a supressão do terror da sucessividade e a própria glória do instante).

Noutro poema, *Mensagem*, o fazer poético aponta um caminho para essa eternidade

Em marcha, heróico, alado pé de verso  
Busca-me o gral onde sangrei meus deuses:  
.....  
Dize a eles que vinham  
Tecer silentes minha eternidade  
(*Mensagem*, p. 74)

O título é sugestivo, e nesse poema opera-se a Palavra como o “templo justo”, a Palavra que ressurgue da extrema purificação pela água, lembrando uma cena genesiaca, o Dilúvio, um princípio ordenador e purificador:

Apanha estas palavras do chão túmido  
Onde as deixo cair, findo o dilúvio:  
Forma delas um palco, um absoluto  
Onde possa dançar de novo, nu



Contra o peso do mundo e a pureza dos anjos,  
Até que a lucidez venha construir  
Um templo justo, exato, onde cantemos.  
(*Mensagem*, p. 74)

É possível renovar o que foi dito e o por dizer porque a palavra é esse palco, ou seja, ação, “um absoluto”, o que é a própria militância poética de Mário Faustino. No caso, a ação, a que removerá todas as impurezas do discurso, para a dança do corpo nu recomeçar, mas desta vez, com bastante lucidez, aliás essa é a poética de Mário Faustino: o trabalho extensivo do fazer poético com muita disciplina e lucidez.

No poema “Noturno” mostra-se visivelmente a estagnação a que se encontra o mundo, a arte, a poesia... e até mesmo a verdade salvadora

Nem uma só verdade resplandece  
Neste verão sonhado por abutres,  
O ano inteiro, o outro ano, e o outro,  
Mentido pela mímica de um bufo,  
Contam falsas proezas de funâmbulo.  
E os saltos já não podem mais traçar  
O mito que exercemos, a parábola.

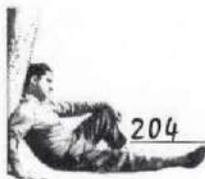
Alardes, fugas, flâmulas. Palmeiras  
Partilhando o resgate da beleza  
Das nuvens criadoras de uma estrela,  
De nada mais que uma. O saltimbanco,  
Mirando-se nas poças, rejubila.  
E ressoa na flauta de anteontem  
O repouso de um pântano...

Quanto foste traído! O luar torto  
Raiva no campo aberto onde esta noite  
Um profeta estremece no seu túmulo.

Talvez um dos mais autobiográficos de seus poemas. Escrito, com certeza, em um momento em que se abate o lutador por reconhecer extremamente árdua a sua militância com os versos. A consciência de um tempo bom, quente, talvez a sua juventude, o “verão”, entregue às carniças, os tormentos do mundo e não os do labor da poesia. Esse poema é sobre o cansaço, e mostra que a poesia é a mais humana das humanas artes. Aí, o tempo parece não ter fim: “O ano inteiro, o outro ano, e o outro”.

Vê-se, nos poemas que completam o livro, referências ao tempo de criação, o tempo intelectual<sup>4</sup>, sentimental e essencialmente um tempo épico-lírico, talvez aqui a melhor parte deste artigo, típico dos grandes poetas do século 20 como, Fernando Pessoa, em *Mensagem*, García Lorca, no *Romancero Gitano*, Yeats, no *Sailing to Byzantium*, apenas para exemplificar.

<sup>4</sup> O tempo do poema é bem analisado no trabalho de Leonardo Martinelli, em seu ensaio, *Ferreira Gullar e o tempo do poema* na revista *Inimigo Rumor*, nº3, setembro, 1997.



Et in saecula saeculorum: mas  
Que século, este século – que ano  
Mais-que-bissextos, este –

Ai, estações –

Esta estação não é das chuvas, quando  
Os frutos se preparam, nem das secas,  
Quando os pomos preclaros se oferecem.  
(Nem podemos chamá-la primavera,  
Verão, outono, inverno, coisas que  
Profundamente, Herói, desconhecemos...)  
Esta é outra estação, é quando os frutos  
Apodrecem e com eles quem os come.  
Eis a quinta estação, quando um mês tomba,  
O décimo-terceiro, o Mais-que-Agosto,  
Como este dia é mais que sexta-feira  
E a hora mais do que Sexta e roxa.

Aqui,

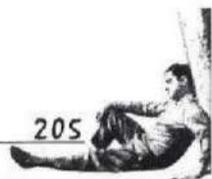
.....  
(O Homem e sua hora, p. 106.)

Um quase épico, mas essencialmente um poema lírico, Faustino, com isso, como todo grande poeta, faz do tempo sempre um tempo do momento (para não dizer do presente, como muitas vezes fez Drummond e Bandeira) tanto em sua obra poética como crítica. Dominar o tempo para estabelecer a ordem e a criação: não é tempo de chuvas e nem de secas, a **quinta-estação**, o **décimo-terceiro mês** (que nome teria: poesia? eternidade? O espaço entre os vagões na teoria de Minkowski? Melhor deixar inominável para a criação pensar).

Agora negar o tempo e suas medidas limitadas tem um preço: a constante presença da morte por perto. A morte não é inimiga do poeta, é sua confissão. Um de seus poemas mostra isso “Sinto que o mês presente me assassina”, da célebre frase “E o tempo na verdade tem domínio“, este que a meu ver, é um dos mais ousados da poesia escrita na língua portuguesa.

Apenas para lembrá-lo, e já terminando este artigo (que continuará em uma segunda parte exclusivamente mostrando no poema *Romance* a herança dos Romanceros por via de um García Lorca) ninguém, no Brasil, fez o que Mário Faustino fez. Em tão pouco tempo sua militância poética foi responsável por algo nunca antes visto na nossa poesia: a abolição total das amarras cronológicas, ou seja, a melhor poesia de todos os tempos é a poesia do tempo todo, e não necessariamente do presente.

Ninguém foi mais moderno, no jornalismo literário, do que Mário Faustino. A democratização da poesia no jornal nunca antes havia sido concretizada. E a testemunha ocular de tudo isso foi nada menos que o *Jornal do Brasil*. Isso, claro, a professora Maria Eugênia explica melhor do que eu na série de oito volumes que a Compa-



nhia das Letras pretende publicar sobre o nosso poeta.

Só queria lembrar que Mário fez do jornalismo crítico-literário aquilo que o poeta faz no poema: respeitar o tempo da criação, anular as barreiras que impedem a criação.

## O TEMPO DA DESTRUIÇÃO

Ao procurar o tempo da criação, o poeta se depara com o tempo da destruição. Ao mergulhar no tempo, uma realidade que nem sempre coincide com a da palavra, o poeta paga um preço muito alto. Volto a falar do seu mais assustador poema

Sinto que o mês presente me assassina,  
As aves atuais nasceram mudas  
E o tempo na verdade tem domínio  
Sobre homens nus aos sol de luas curvas,  
Sinto que o mês presente me assassina,  
Corro despido atrás de um cristo preso,  
Cavalheiro gentil que me abomina  
E atraí-me ao despudor da luz esquerda  
Ao beco de agonia onde me espreita  
A morte espacial que me ilumina

.....  
(Sinto que o mês presente me assassina, p. 92-93)

Nem Ars Poetica, nem Ars Patética. E quando se descasca a linguagem começamos a ver coisas, a terrível nudez do tempo pode muito bem se assemelhar à terrível nudez da beleza. Mas vou negar aqui o sentido de vidência neste poema, que muitos defendem. A linguagem nem sempre representa a realidade. O poema é a prova disso, ele é capaz de cortar os nexos espaciais-temporais, e talvez anular o tempo em todos os seus sentidos, e simplesmente resumir: o tempo não existe, o que existe é o momento. Para ser mais contundente: a linguagem não pode servir-se apenas à realidade ou à língua, serve-se à criação. A linguagem tem que servir à criação que é ela mesma um lugar do homem no mundo, o seu momento. O resto se aproxima do suicídio ou da morte, daí também o tempo ser bem-vindo para enforcar os falsos poetas.

Há de se precisar do tempo para separar o que não foi engolido injustamente por ele, já que ele a todos corrói. Assim, o poeta tem o poder de enfrentar o tempo. Tem um segredo da divindade, o da inteligência de dominar o tempo. Mário Faustino como ser humano temeu a morte e como poeta fez essa confissão: o tempo de criação é também o tempo da destruição, e isso está dentro, no ser, condição do ente, onde nasce a morte, conforme lembra a citação de Ferreira Gullar, que abre este artigo.

Qual a segurança que nos permite a palavra diante da sua fragilidade verbal? Ainda mais diante da volátil condição crono-



lógica. Nossa única vitória seria esse instante, o do poema, a vitória sobre a morte, por isso Mário Faustino, constantemente, recebia esses avisos, não necessariamente presságios, mas o prêmio pela afronta

“Como ia morrer, foi-lhe dado o aviso  
Na carne, como sempre ocorre aos seres vivos;

Um aviso, um sinal, que não lhe veio de fora  
Mas do fundo do corpo, onde a morte mora”

**FERREIRA GULLAR**, *Nova concepção da morte*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. por: Pietro Nasseti São Paulo : Martin Claret, 2002.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. Trad. por: Alex Marins. São Paulo : Martin Claret, 2002.

BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*, vol. 1. São Paulo : Globo, 2001.

CADERNOS DE TERESINA. Revista da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Ano I, Nº 1, Teresina, abril de 1987.

CHAVES, Albeniza de Carvalho. *Tradição e Modernidade em Mário Faustino*. Belém : Universidade Federal do Pará, 1986.

EULÁLIO, Carlos E. M. *Mário Faustino: Literatura Piauiense em Curso*. Teresina : Corisco, 2000.

FAUSTINO, Mário. *De Anchieta aos Concretos*. Org. de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo : Companhia das letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Homem e Sua Hora e outros poemas*. Org. de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo : Companhia das letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Poesia de Mário Faustino*. Introdução de Benedito Nunes. Rio : Civilização Brasileira, 1966.

GLEISER, Marcelo. *A Dança do Universo. Dos Mitos de Criação ao Big Bang*. São Paulo : Companhia das Letras, 1997

MARTINELLI, Leonardo. Ferreira Gullar e o tempo do poema. In: *Inimigo Rumor*, revista de poesia, nº 3, set-dez, 1997, p.39-46.

MERRIEM-WEBSTER Encyclopedia of literature. Springfield : 1995.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária. Poesia*. São Paulo : Cultrix, 1997.

NUNES, Benedito. *A Obra Poética e a Crítica de Mário Faustino*. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1986.

SPINOSA, Baruch. *Vida e Obra*. Trad. sob licença da Globo. São Paulo : Nova Cultural, 2000.

